

A CONSTRUÇÃO IDEOLÓGICA DO SUJEITO COLETIVO NOS RELATOS DE DEPENDENTES QUÍMICOS

COLLECTIVE SUBJECT'S IDEOLOGICAL CONSTRUCTION IN THE ADICT'S NARRATIVES

Karina Aragão de Siqueira¹

RESUMO: Neste trabalho, analisamos dez relatos de dependentes químicos publicados no site da clínica de tratamento CTVIVA, www.ctviva.com.br, a partir dos estudos sobre Histórias de Vida. A compreensão de que o sujeito é autorreflexivo, além do que o relato é um gênero textual em que se comenta sobre os fatos vividos são conceitos defendidos neste artigo. Assim, percebemos que há a opinião do grupo de dependentes químicos cujos relatos dizem respeito à situação vivida por eles condicionada pela posição ideológica defendida pela clínica. Analisamos a construção do sujeito coletivo que indica a posição de um grupo social a respeito da situação vivida a partir de três categorias criadas por Lefèvre (2005): (i) as expressões-chave; (ii) ideias-chave e a (iii) ancoragem. A articulação das três categorias mencionadas nos possibilita à identificação dos participantes em uma categoria de situação vivida específica, segundo a proposta de Bertaux (2010). Os resultados indicam que há dois critérios que estabelecem uma relação de poder sobre os dependentes: a família e um bom tratamento clínico. A família destacando o seu apoio ao paciente e o bom tratamento como fator fundamental para o resultado positivo da recuperação do paciente. A construção de um sujeito coletivo evidenciou, portanto, a ideologia da clínica e do seu tratamento.

PALAVRAS-CHAVE: História de Vida. Relatos. Sujeito coletivo.

ABSTRACT: In this paper, I analyzed, according to Life Stories approach, the narratives of drug-addicted people which were found on a website of the drug rehabilitation and treatment clinic www.ctviva.com.br. The realization that the subject is self-reflexive in addition to the narrative is a genre in which it comments on the lived facts are concepts espoused in this article. I could find common characteristics among the reported narratives that integrate the group's opinion into the same ideological position. I could also find a collective subject, considering the narratives made by the drug-addicted people who were under treatment into the reported clinic whose site was mentioned before. That site displays the 10 narratives that composed this *corpus* research. That analysis focused the construction of the process that indicates a social position of group, considering three categories: key-expressions; key-ideas and anchorage, according to Lefèvre (2005). The first one indicates excerpts of testimonials that facilitates the key-words` identification; the second one, the key-words, indicates the meanings of each testimonial, and the last one, the anchorage, indicates the ideology of the discourse. Managing such categories enabled the identification of all the narratives as situation category, as proposed by Bertaux (2010). The results indicated two criteria that establish relationships of power: family and the good treatment. The construction of a collective subject evidenced the ideologies of the clinic and of the treatments that were given to the patients.

¹ Professora Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. Membro do Grupo de Estudos em Linguística e Discurso Autobiográfico-GELDA. E-mail: karinasiqueira76@gmail.com

KEYWORDS: Life`s Stories. Narratives. Collective subject
CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O discurso, segundo Foucault (2002), é tudo o que pode tomar forma e ser dito. Tudo o que é dito ocorre na estrutura do discurso. Assim, toda formação discursiva acontece em uma realidade que se inscreve em uma determinada ordem. Essa relação com o mundo promove uma legitimidade desse discurso. As coisas e os acontecimentos do mundo são manifestados no discurso como uma verdade e sua aparição e regularidade promovem os acontecimentos e fixam suas fronteiras.

Maingueneau (1997) menciona que Foucault não considera a existência das comunidades discursivas. Dessa forma, o linguista comenta que é necessário observar a comunidade discursiva, pois a relação entre o grupo social e o discurso é mais complexa do que demonstra a formação discursiva. Sobre esse assunto, o autor comenta:

Não é suficiente lembrar a existência de um conflito social, de uma língua, de ritos e de lugares institucionais de enunciação, é preciso ainda pensar que o próprio espaço de enunciação, longe de ser um simples suporte contingente, um ‘quadro’ exterior ao discurso, supõe a presença de um grupo específico sociologicamente caracterizável, o qual não é um agrupamento fortuito de ‘porta-vozes’. (MAINGUENEAU, 1997, p. 54).

Entretanto, Foucault (2002) afirma que o sujeito, integrante de uma coletividade linguística, é formado por uma memória discursiva e conhece, em partes, os sentidos ideológicos que perpassam o discurso, mas, ao mesmo tempo, possui um esquecimento dos discursos pré-existentes que o afetam. O sujeito, portanto, para este autor, é uma função vazia que pode ser ocupada por “indivíduos diferentes”, de acordo com os acontecimentos enunciativos, alterando seus interesses por influência do contexto sócio-histórico.

Após essa breve reflexão, podemos entender que o sujeito compartilha da ideologia, dos valores e crenças recorrentes no discurso. Assim, diante dos relatos de dependentes químicos disponíveis e publicados no site www.ctviva.com.br, deparamo-nos com os seguintes questionamentos: É possível identificar nos relatos apresentados um grupo social? Nas disposições de sequências textuais é possível depreender os sentidos intersubjetivos que depreendem o social? A situação sócio-histórica em que se encontram os participantes do vídeo, ou seja, a vivência em uma clínica de reabilitação altera o sua percepção sobre os acontecimentos vividos? A partir destas reflexões, construímos este texto verificando um

discurso de um sujeito que se percebe coletivamente como diz Lefèvre (2005): “Trata-se de um *eu* sintático que, ao mesmo tempo, expressa uma referência coletiva na medida em que esse eu fala em nome da coletividade.” (LEFÈVRE, 2005, p. 16). O discurso de um sujeito coletivo possibilita, portanto, viabilizar o pensamento de um grupo social sobre um determinado tema inserido no cotidiano desta sociedade.

A NARRATIVA DE VIDA E O SUJEITO

O estudo das narrativas de vida surgiu no campo de pesquisa das Ciências Sociais e Humanas, com o intuito de verificar e compreender, junto aos sujeitos participantes da pesquisa, os acontecimentos sociais a partir do esforço pessoal de explicação da sua trajetória de vida em uma inserção de tomada de consciência individual e coletiva.

Trabalhar com as narrativas de vida é sempre seguir em uma linha tênue que perpassa por todo o universo da história da pessoa. Essa linha tênue ora pende para o lado da verdade, ora para o lado fantasioso da narrativa. O que cabe ao pesquisador é estar sempre atento às informações prestadas pelo sujeito. Por isso que, nas Ciências Sociais, as narrativas de vida são trabalhadas a partir de grupos sociais, possibilitando uma visão mais ampla dos fatos narrados pelos atores da pesquisa. Enquanto que, na área de Educação, o sujeito pode ser trabalhado individualmente, já que por muitas vezes a narrativa de vida nessa área é mais voltada para a formação individual do sujeito. Na Linguística, os estudos sobre narrativas de vida analisam o processo de construção de uma história em que se explicam as razões de agir dos fatos vividos, em que se descrevem os contextos das interações e se formulam os julgamentos entre as ações e as emoções dos sujeitos em um processo narrativo.

Neste contexto linguístico, o estudo das narrativas de vida, conforme Bertaux (2010, p.13), visa “descrever e analisar fenômenos *coletivos*” com a perspectiva de detectar os pontos comuns em cada fato narrado pelos participantes da pesquisa a partir da produção de relatos. Foi escolhido o gênero textual relato por ser um facilitador da produção da subjetividade, segundo Bertaux (2010), pois o sujeito pode expressar como deseja expor o fato vivido sem o direcionamento de perguntas como ocorre em entrevistas.

O interessante nas narrativas de vida é trabalhar somente com os sujeitos que fazem/fizeram parte do mesmo mundo social, pois assim pode-se trabalhar na perspectiva de convergência coletiva das informações. Porém, as narrativas de vida só se constituem como dados de uma pesquisa quando o sujeito põe as suas impressões (simuladas ou não) sobre o

assunto vivido na narrativa. Para Bertaux (2010), se a narrativa de vida for tomada apenas por um emaranhado de descrições sem a construção de um significado em si, o pesquisador não pode tomar tal relato como uma narrativa de vida, porque dessa forma ela se caracterizará apenas como um ajuntamento das experiências vividas pelo sujeito, ou seja, as narrativas devem ser traçadas “em torno de uma sucessão temporal de *acontecimentos, situações, projetos e ações* que dela resultam: essa sequência constitui de algum modo sua coluna vertebral” (BERTAUX, 2010, p.48).

Um pesquisador que utiliza a metodologia de narrativas de vida não deve se preocupar em se deter no percurso histórico da vida do sujeito, mas apenas nos fatos que servirão para a pesquisa. Segundo Maia-Vasconcelos (2005), a história de vida deve ser dividida em eventos para que se torne um relato de si. É por isso que, ao adotar essa metodologia, o pesquisador deve deixar bem claro os objetivos da pesquisa, informando ao ator social qual é o fato da sua história de vida que interessa ao pesquisador.

O sujeito, no modelo do estudo sobre histórias de vida, é plenamente posto em evidência. É a partir dele e do grupo social em que ele esteja inserido que se desenvolverá toda a pesquisa. Diferente dos outros métodos, as narrativas de vida mantêm esse sujeito como o ator social fundamental para a concretização do trabalho, pois é a partir das informações prestadas pelo ator social que a pesquisa vai se delinear.

As informações são cedidas pelo sujeito através de um pedido feito pelo pesquisador para relatar um fato vivido pelo sujeito geralmente através de uma entrevista. Entretanto, seguimos a orientação de Bertaux (2010), para quem o relato é o melhor método para colher informações em História de Vida, porque possibilita que a subjetividade seja exposta sem a interferência do pesquisador ou direcionamento a partir de perguntas.

A ANÁLISE DO SUJEITO COLETIVO

O Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) prevê uma convenção metodológica que é concebida por Lefèvre como uma estratégia metodológica que possibilita “resgatar o discurso como signo de conhecimento dos próprios discursos” (LEFÈVRE, 2005, p. 19). O autor afirma que tal metodologia apresenta uma abordagem qualitativa, pois o seu objeto de análise é produzido durante o processo de análise e composto de qualidades que aparecem como resultado da pesquisa.

Entretanto, contrariando a concepção tradicional de abordagens qualitativas, o autor afirma não fazer uma classificação categórica das palavras e expressões que representam o relato, uma vez que o discurso deixa de existir no momento em que “as categorias passam a existir no seu lugar.” (LEFÈVRE, 2005, p. 19). Assim, a metodologia do DSC procura visualizar o discurso individual não como categorias - apesar de serem evocadas categorias de domínios existenciais -, mas como partes de um quebra-cabeça que formam a representação social inserida nele. Entendemos por representação social “o sistema de interpretação da realidade que organiza as relações do indivíduo com o mundo e orienta suas condutas e comportamentos no meio social.” (XAVIER, 2002, p. 24)

No nosso trabalho, propomos a análise do material verbal coletado nos relatos escritos no espaço destinado aos depoimentos de dependentes químicos dentro do site www.ctviva.com.br. Através das falas individuais com sentidos complementares ou semelhantes sobre o tema “processo de recuperação da dependência química”, devemos extrair os sentidos indicados por expressões linguísticas recorrentes nos textos. A partir de então, atingir os discursos manifestados por esse grupo social sobre o tema identificando um sujeito coletivo manifestado pelo contexto sócio-ideológico.

A metodologia de análise do DSC, segundo Lefèvre (2005) é feita a partir de três categorias de análise:

1º As expressões-chave:

São expressões linguísticas que indicam a essência de um relato, ou seja, “do conteúdo discursivo dos segmentos em que se divide o depoimento.” (LEFÈVRE, 2005, p. 17). Esse resgate de expressões linguísticas possibilita ao pesquisador reconstruir as ideias centrais recorrentes nesses relatos analisados. Para tanto, utilizaremos um esquema de leitura analítica que proporemos no estudo e que se insere na análise do relato dos dependentes.

2ª Ideias Centrais

Trata-se de, após a seleção das expressões linguísticas, a descrição dos sentidos inseridos no conjunto de relatos analisados. Uma vez levantado um conjunto de Ideias Centrais, podemos chegar ao DSC.

3ª Ancoragem

Trata-se da manifestação linguística explícita de uma dada teoria, ideologia utilizada pelo enunciador para posicionar-se diante de uma dada situação específica. A ancoragem, segundo Xavier (2002), tem a ver com a identificação de posicionamentos de pertencas sociais em que “se interpretam os comportamentos, se classificam e nomeiam as coisas e as

pessoas em uma escala de valores.” (XAVIER, 2002, p. 14). Essa classificação não se reporta à ancoragem proposta por Moscovici (1978) e de que trataremos durante a análise.

Como a análise parte do discurso individual para se chegar ao discurso coletivo, é necessário observar que este sujeito se constitui de um processo heterogêneo, ou seja, ele é construído a partir da sua relação com o Outro o qual contradiz e diverge. Assim, segundo Mariani (1998), não é compreendido aqui um sujeito totalmente onisciente do seu dizer, mas um sujeito que reflete a sua formação discursiva dialogando com o “dizer do Outro”.

Levando em consideração esse mosaico ideológico que constitui o sujeito, Ricoeur (1997), acrescenta que, no caso de relatos sobre história de vida, ocorre a narrativa a partir da construção de suas ações vividas em que o sujeito se diferencia desse vivido para questionar o passado resgatando os sentidos dessas ações a partir de um ponto de vista presente. Assim, o autor cria um sujeito atemporal, pois está sempre refletindo e reconstruindo o seu passado no presente. O autor afirma que “a narrativa conjuga a dialética da reprodução de uma base idêntica e a alteração permanente nos outros.” (RICOEUR, 1997, p. 80) Podemos concluir, portanto, que o sujeito narrativo é formado por um duplo conceito: a heterogeneidade, ou seja, a sua construção a partir de sua relação com o Outro e a sua relação consigo mesmo em um processo de distanciamento das ações relatadas para reconstruir os sentidos.

Assim, o DSC é uma estratégia metodológica que procura, a partir da decomposição dos discursos, a seleção das ideias centrais que, por sua vez, levam a ancoragem de crenças e ideologias presentes em cada discurso individual a chegar, em conjunto, à reconstituição discursiva desse grupo social.

O SUJEITO COLETIVO NA CATEGORIA DE SITUAÇÃO DEPENDENTE QUÍMICO

Ao propormos uma análise dos depoimentos de dependentes químicos, abordamos a narrativa como uma conjunção de situações sócio-pessoais refletidas em um discurso encapsulador de ideologias, um discurso coletivo, apontado por um sujeito singular que tem suas expressões justificadas através de figurativizações ideológicas que compõem categorias necessárias para a criação desse Discurso do Sujeito Coletivo.

Nos depoimentos analisados, levantamos as seguintes categorias como desencadeadoras de sentido nos discursos desses dependentes químicos: a família, como fator importante para a recuperação, uma vez que ela surge nos relatos dos dependentes químicos como um fator essencial para a recuperação dos indivíduos que precisam da presença e

aprovação dos familiares durante o tratamento nos discursos. Isso faz com que gradativamente a categoria família vai se afirmando nos depoimentos individuais como uma unidade necessária na formação do discurso do sujeito coletivo. Isso é observado, por exemplo, nas seguintes passagens: “depois vi o bem que minha mãe estava me proporcionando ao me internar”, “graças a algum poder superior e à minha família”; “agradeço aos meus avós pela decisão que eles tomaram”.

Outra categoria observada pode ser titulada de tratamento adequado, pois as relações interpessoais surgem como um fator decisivo no domínio desse sujeito sobre a sua dependência. Isso ocorre porque o mecanismo social que rege os domínios da existência de qualquer indivíduo admite aos próprios indivíduos um poder transformacional advindo de uma percepção de membro de uma cadeia coletiva, ou seja, de um grupo, que se articula por intermédio de juízos de valores positivos e convencionados para construir dualmente com esse sujeito a sua possibilidade de recuperação.

Analisando essas duas categorias de produção narrativa, a família e o tratamento adequado, vemos que ambas possuem influência sobre o dependente fortalecendo-o para continuar o tratamento devido ao poder que, segundo Foucault (2010), cria “corpos dóceis” e está sempre inserido nas relações entre os indivíduos. Assim, a família tem o seu poder sobre o dependente que, por sua vez, aceita o tratamento conduzido pela relação de poder que os condutores do tratamento exercem sobre a família e, principalmente, sobre os dependentes. Esta relação de poder faz com que aceitem e suportem todos os transtornos causados pelo isolamento e abstinência da droga. Como diz Foucault (2010), o indivíduo é uma produção do poder e do saber. Os valores conduzidos pelas instituições condutoras de tratamento estão relacionados aos saberes culturais e valores religiosos, os códigos de boas maneiras, valorização da família entre outros aspectos que, segundo Bertaux (2010), possibilitam a compreensão do sujeito como pertencente a uma determinada categoria, apesar de ter vivido histórias de vida diferentes, estes se identificam por uma situação vivida socialmente reconhecida pelos indivíduos.

Assim, a produção dessas narrativas afirmadoras de um sujeito singular se configura devido à percepção da transitoriedade da vida no discurso dos próprios dependentes químicos, uma vez que, as ações proferidas por esses, em uma cena discursiva pretérita, indica que o indivíduo ressignifica os fatos vividos ao recontá-los, justificando-os quando afirmados no discurso presente. Não sendo esta uma proposta de medir o tempo, mas deixar evidente a sua transitoriedade na articulação entre as etapas de uma narrativa de vida, percebemos a

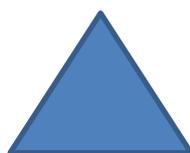
articulação de um processo comunicativo interminável entre o passado/reflexivo e o presente/discursivo formando uma possível composição figurativa da análise dessas narrativas propostas:

Figura1- Discurso reflexivo sobre o vivido (2015)

PRESENTE DISCURSIVO



SUJEITO



PASSADO REFLEXIVO

Fonte: Karina Siqueira (2015)

Nesta figura, encontramos a formação do relato em que se alterna a sua construção temática entre o passado e o presente em constante comparação de fatos por um sujeito autorreflexivo que, devido a uma situação traumática, passa a redirecionar a sua trajetória de vida. Vale ressaltar que a palavra trauma aqui é compreendida como o momento em que há uma situação na história de vida do sujeito em que surge uma alteração consciente ou não da sua trajetória de vida anterior. Nessa construção narrativa, o sujeito é autorreflexivo e construído discursivamente no contexto sócio-histórico da comunidade discursiva em que se encontra inserido. Diante destas reflexões, os relatos, apesar de serem narrados por pessoas diferentes, promovem a construção de uma categoria de situação vivida e uma ideologia biográfica. Isso é o que veremos a seguir.

ANÁLISE E DISCUSSÕES

Os relatos, segundo Bertaux (2010), possibilitam trazer a subjetividade de maneira bastante presente, uma vez que permitem a organização subjetiva da sequenciação temporal das situações vividas, podendo refazê-las, ressignificá-las de acordo com o ponto de vista do sujeito. Há o detalhamento dos acontecimentos que só o sujeito sabe, por isso, o relato é mais rico em significações. Pineau e Le Grand (2002), afirmam que a narrativa é um construto dos fatos passados a partir do ponto de vista do presente. Ela é feita a partir de continuidade e de descontinuidade com múltiplas histórias e sentidos. Assim, temos um sujeito construtor desse discurso, na medida em que ele conduz os fatos de uma maneira diacrônica dentro de uma sequência de significação que esses fatos têm para si, que, nem sempre, condiz com a sequência real dos acontecimentos. Temos também um sujeito construído pelo discurso, pois é promovida, de acordo com Foucault (2002), uma reconstrução deste sujeito que se reorganiza e se ressignifica dentro desse discurso. Isso nos faz ver emergir não mais apenas um discurso do sujeito, mas um sujeito do discurso. A narrativa, segundo Ricoeur (1997), produz uma origem de sentido em que há uma discordância e, ao mesmo tempo, uma concordância com os fatos narrados a fim de se reconjugar.

Criar a própria história de vida, de acordo com Pineau e Le Grand (2002), significa construir narrativamente os sentidos dessa vida identificando e conjugando seus conectores o que, para Bertaux (2010), significa o momento de religação dos fatos de forma a ter um elo de coerência na sequência dos acontecimentos. Nos relatos dos sujeitos dependentes químicos, percebemos a existência deste sujeito que revive os acontecimentos a partir da importância que estes tiveram nas narrativas de vida. Estes sujeitos relatam os fatos que faziam parte da sua vida anterior ao tratamento e dizem o que são hoje, como é percebido na seguinte passagem: “sempre tive o apoio da minha família nos momentos difíceis. Até que, um dia, espanquei meu pai, chegando a quebrar duas costelas dele. Em seguida, tentei me matar, amarrando um lençol ao meu pescoço e me jogando da janela do quarto (...). Hoje eu posso dizer que tenho condições de reescrever a minha história de vida, graças ao tratamento que estou tendo aqui.”

Esta relação entre o presente e o passado estabelece o momento de ruptura com o percurso narrativo ocasionando um redirecionamento da história vivida pelo sujeito e reconduzindo a sua história. Este fato é chamado por Maia-Vasconcelos (2005) de trauma, isto é, um fato vivido redirecionador da história de vida que nem sempre é algo ruim, mas

modificador e provocador de mudanças. Este fato é encontrado em todos os relatos apresentados como veremos adiante.

Não interessa, para as narrativas de vida, toda a trajetória do sujeito, senão o que ele viveu em um determinado momento da sua vida. Assim, há trajetórias de vidas diversas, mas que possuem pontos de entrosamento os quais possibilitam formar a existência de uma categoria social em que, mesmo participando de mundos sociais diversos, possuem pontos em comum. Bertaux (2010) denomina de ‘categorias de situação’ circunstâncias que, tais como nos relatos analisados, são percebidas pela existência de um momento crítico o qual possibilitou a inserção do indivíduo, de forma voluntária ou involuntária, em um tratamento de recuperação. A elaboração desses relatos possibilita no discurso a construção do sujeito que constrói um sentido no percurso da sua vida.

Assim, temos um sujeito que, por estar dentro uma categoria social, está inserido em um contexto sócio-histórico. Ele está inserido em um corpo social e histórico em que se adapta durante a sua existência e se posiciona como sujeito construído desse momento e, ao mesmo tempo, construtor dele. Essa consciência ocorre na própria narrativa. Construção laboriosa que promove o retorno narrativo operando uma reflexão que inverte a ordem do tempo em que se interpreta, julga, corta, sintetiza os fatos e que, segundo Pineau e Le Grand (2002), forma um novo sujeito mais apto a construir e mudar o sentido que, uma vez, deu no passado aos fatos vividos. Tal mudança de percepção sobre o que se viveu é percebida nos relatos dos dependentes químicos que ao afirmar construir sentidos sobre os fatos vividos de forma diferente do que faziam antes, eles promovem a construção de um sujeito reflexivo, crítico de sua trajetória. Isso é notado na passagem em que há uma reflexão sobre a trajetória da internação, como, por exemplo, no seguinte trecho: “Me direcionaram (as pessoas da clínica de reabilitação) para eu achar uma direção em minha vida, encontrar a força que eu tinha perdido”.

O momento decisivo para reiniciar a mudança, segundo Pineau e Le Grand (2002), ocorre em um momento em que o sujeito constrói o passado a partir do ponto de vista presente no surgimento de uma ruptura com a sua trajetória de vida dando início a uma nova trajetória repleta de significações. Essa continuidade e descontinuidade são vistas nestas narrativas ao mencionarem não saber mais como sair da droga, a perder tudo o que tinha ou entrar em depressão. Tais acontecimentos comuns entre os sujeitos destes relatos promovem a ruptura com a trajetória de dependente químico envolvido com a droga para a trajetória do dependente químico que quer sair da droga.

Vimos, portanto, a existência de um sujeito coletivo no momento em que ocorre a consciência reflexiva e crítica sobre os fatos. Isto permite, segundo Bertaux (2010), a retomada dos acontecimentos vividos pelo sujeito mediados por vários fatores como a memória, o contexto em que se narra o fato, os sentimentos do sujeito que fazem uma reinterpretação da história real surgindo a narrativa de vida. O sujeito coletivo integra-se nesta perspectiva, uma vez que fatores sociais e ideológicos são reconstruídos nessas mediações pelos sentidos que ressignificam acontecimentos.

Nos relatos analisados, percebemos que os sentidos dados aos acontecimentos demonstrados pelos dependentes antes da reabilitação eram que “nada iria funcionar para sair da droga”, “era escravo da droga”, “antissocial”, “imediatista”, “nervoso” e que após um acontecimento que promove uma ruptura como “entrar em depressão”, todos os relatos modificam os sentidos trazidos no texto demonstrando que a família possibilitou o acesso a essa mudança. A inserção do grupo social família surge como uma ponte de acesso ao tratamento e a recuperação após a decisão de mudar a vida. Tal influência é para Bertaux (2010) explicada pelo fato de que o sujeito é um ser construído pela convivência dialógica com os grupos sociais com que convive.

O sujeito coletivo dentro dos relatos analisados demonstra que tais sentidos vistos antes da reabilitação são alterados a partir de um processo de mudança ao surgir um fato que muda a trajetória dos sujeitos dependentes químicos, no caso, o reconhecimento de que mudou tudo na vida e a sensação de ter perdido tudo, como pode ser percebido na seguinte passagem: “Conheci o crack. Essa foi a minha desgraça.” Assim, temos a modificação dos sentidos em que o sujeito se analisa como uma pessoa melhor a partir do bom tratamento a que já está sendo submetido: “já estou em término de tratamento entrando em fase de reinserção (...) hoje sou uma pessoa melhor e disposta a ter uma vida melhor, mais regrada, disciplinada e serena.”

Trata-se de um sujeito que se autoanalisa, se redireciona na narrativa a partir de uma seleção de sentidos que conduzem a uma representação de uma categoria de situação vivida. Assim, temos um posicionamento direcionado pelo tratamento e produzido durante o processo de autorreflexão do sujeito, o qual é desenvolvido por todos os atores participantes destes relatos em que se afirma que somente com um bom tratamento, a partir do apoio da família, é possível uma recuperação.

Quadro 01 - Análise dos relatos de dependentes químicos

Expressões-chave	Ideias centrais	Ancoragem
<p>Mais no meu ponto de vista não iria funcionar. Na verdade era o que minha mãe desejava e não que eu precisava.(...) Coloquei na minha cabeça que, já que do meu jeito não tinha funcionado, teria que fazer do jeito deles. Fui me conhecendo aos poucos, descobri que tinha muitos defeitos de caráter e aos poucos fui me tornando uma pessoa melhor. Logicamente tive algumas desavenças e sentimentos frustrantes, pois às vezes era tolhido de algumas coisas, mas hoje sei que era para meu próprio bem. Já estou em término de tratamento, entrando em fase de reinserção e posso assegurar que funciona, e que hoje sou uma pessoa melhor e disposta a ter uma vida mais regrada, disciplinada e serena.</p>	<p>1ª ideia: A mãe pedia a internação e ele aceitou.</p> <p>2ª ideia: Rejeição e dificuldades no tratamento.</p> <p>3ª ideia: O tratamento adequado funciona.</p>	<p>O apoio da família é importante para a recuperação.</p> <p>O tratamento adequado funciona.</p>
<p>Quando um dia estava em casa dormindo por volta das 4h30 da madrugada e escutei minha mãe chamando, acordei assustado, pensei que tinha acontecido alguma coisa e atendi a porta. Ela entrou com o meu pai e perguntei se tinha acontecido alguma coisa, e minha mãe disse que nós íamos viajar, e quando perguntei para onde, entraram dois rapazes fortes e disseram:”você vai com a gente”. Eles eram do</p>	<p>1ª ideia: A internação foi planejada e realizada pela família.</p> <p>2ª ideia: Reação ao tratamento.</p> <p>3ª ideia: Associação do tratamento a um fator positivo para ele.</p>	<p>O apoio da família é importante para a recuperação.</p> <p>O tratamento adequado funciona.</p>

<p>resgate da clínica e tornei a perguntar: "vamos onde?". E minha mãe falou: "eu vou te internar". Na hora quis tentar reagir para não ir. É claro que minha primeira reação seria essa porque não esperava por isso, mas depois vi o bem que minha mãe estava me proporcionando, e que era para o meu bem. Fui com eles. Só me despedi da minha esposa, que ficou assustada com tudo, e da minha filhinha, e fui para a clínica.</p>		
<p>Eu não tive forças para abandonar esses terríveis vícios. Graças a algum poder superior e à minha família, conhecemos a clínica Viva, com pessoas altamente profissionais e capacitadas para a função que exercem. São pessoas maravilhosas, carismáticas, com muita sensibilidade e seriedade. Me direcionaram para eu achar uma direção em minha vida, encontrar a força que eu tinha perdido.</p>	<p>1ª ideia: A influência da família para aceitar o tratamento.</p> <p>2ª ideia: O tratamento adequado funciona.</p>	<p>O apoio da família é importante para a recuperação.</p> <p>O tratamento adequado funciona.</p>
<p>Sempre tive o apoio da minha família nos momentos difíceis, até que um dia espanquei meu pai, chegando a quebrar duas costelas dele. Em seguida, tentei me matar, amarrando um lençol ao meu pescoço e me jogando da janela do quarto. (...)Quando acordei, após receber atendimento médico, a primeira pessoa</p>	<p>1ª ideia: A vida antes do tratamento.</p> <p>2ª ideia: A família apoiou a procura pelo tratamento.</p> <p>3ª ideia: O tratamento adequado funciona.</p>	<p>O apoio da família é importante para a recuperação.</p> <p>O tratamento adequado funciona.</p>

<p>que vi foi meu pai, ao lado de minha cama, machucado e todo enfaixado. Entrei em depressão total, mas reuni forças para buscar ajuda. Hoje eu posso dizer que tenho condições de reescrever minha história de vida, graças ao tratamento que estou tendo aqui.</p>		
<p>Eu sou casado há quatro anos, tenho um filho de 1 ano e sete meses e posso dizer que tenho um imenso prazer em afirmar que esta é a primeira clínica de onde ligo para minha família e digo que estou bem.</p>	<p>1ª ideia: A clínica possui o tratamento adequado.</p> <p>2ª ideia: A importância da aprovação da família para o tratamento.</p>	<p>O apoio da família é importante para a recuperação.</p> <p>O tratamento adequado funciona.</p>
<p>Na Clínica Terapêutico Viva comecei a entrar em contato com meus sentimentos, conheci um programa diferente e comecei a me relacionar com meu próprio "eu". Fui internado de forma involuntária, transferido de outra clínica. Tive problemas com a justiça e tenho certeza que meus pais fizeram à escolha certa ao me encaminharem para um novo tratamento.</p>	<p>1ª ideia: O tratamento adequado funciona.</p> <p>2ª ideia: Os pais encaminharam para o tratamento adequado.</p>	<p>O apoio da família é importante para a recuperação.</p> <p>O tratamento adequado funciona.</p>
<p>No tempo de ativa eu era um cara nervoso, intransigente, anti-social e imediatista. Enfim, era escravo da droga. Mesmo tendo vindo para a clínica de forma involuntária, agradeço aos meus avós</p>	<p>1ª ideia: A vida dependente da droga antes do tratamento.</p> <p>2ª ideia: A família impôs o tratamento.</p>	<p>O apoio da família é importante para a recuperação.</p>

pela decisão que eles tomaram, pois o tratamento que estou tendo no Viva está valendo a pena.	3ª ideia: O tratamento adequado funciona.	O tratamento adequado funciona.
Vim para a clínica de forma involuntária, mas posso garantir que foi a melhor coisa que me aconteceu. No início eu não aceitava bem o tratamento, mas hoje eu me considero uma pessoa privilegiada por ter tido a oportunidade de estar aqui.	1ª ideia: O tratamento foi obrigado. 2ª ideia: Dificuldades em aceitar o tratamento. 3ª ideia: Aceitação do tratamento.	O tratamento adequado funciona.
Quando notei que já era dependente resolvi pedir ajuda aos meus pais, mas não estava disposto a ser internado. Depois de 1 ano e meio de uso constante de Crack, meus pais chamaram o resgate do Viva.(...) Agradeço aos meus familiares e a todos os profissionais do CT Viva que me ajudaram muito.	1ª ideia: Há necessidade de tratamento, mas sem aceitação. 2ª ideia: A família obriga a internação. 3ª ideia: Aceitação e reconhecimento de que o tratamento é bom.	O apoio da família é importante para a recuperação. O tratamento adequado funciona.

FONTE: www.ctviva.com.br

Nestes textos, o presente reflexivo forma-se na relação comparativa com o passado reflexivo em que há uma constante reconstrução da história de vida no percurso discursivo. Os testemunhos apresentados são inseridos em um mesmo percurso social, apesar de serem mencionados relatos diferentes. Assim, temos uma mesma categoria de situação vivida por um sujeito autorreflexivo. Os marcadores temporais como, por exemplo, “depois de um ano”, “hoje” e o uso predominante dos tempos verbais presente e pretérito perfeito mostram a constante alternância entre o passado e o futuro contribuindo para a progressão temática no gênero relato. A construção deste percurso reflexivo do vivido promove a visualização de dois sentidos recorrentes nos relatos: a importância da família e o tratamento adequado, percebidos nos textos.

A existência de todos os fatores de reflexão dos fatos vividos mencionados acima pelos dependentes químicos com redirecionamento da trajetória de vida faz com que haja coerência entre os relatos apresentados formando uma categoria de situação vivida. Esta coerência mencionada é chamada por Bertaux de ideologia biográfica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dez relatos apresentados trazem, na perspectiva do estudo sobre Histórias de Vida, a existência de um sujeito que, a partir do momento em que sofre uma situação traumática, passa a alterar a sua trajetória de vida anterior. A nova trajetória de vida passa a ser na clínica de tratamento para dependentes químicos onde ocorre a produção do relato oral.

A narrativa é construída por experiências vividas que são revividas no momento da sua produção discursiva, causando a reflexão do sujeito do seu passado a partir da visão que agora possui do seu presente. Surge, assim, um sujeito autorreflexivo que olha os fatos vividos com a experiência do presente, selecionando-os, reorganizando-os de acordo com o grau de importância que teve para a sua inserção na nova realidade vivida. Nesse sentido, percebemos uma sequência temática construída entre o presente e o passado sobre como ocorreu a transição de uma trajetória de vida (no caso, uma trajetória vivida de um viciado) para outra (trajetória de vida de um viciado em tratamento).

Foram encontrados, de acordo com a proposta de Lefèvre (2005), marcadores de tempo que caracterizam a alternância entre o passado e o presente, fato característico do gênero relato, como, por exemplo, “quando”, “depois de um ano”, “no início [...] mas hoje”. Além do uso dos tempos verbais presente e pretérito perfeito que indicam a transição entre os fatos passados e presentes a fim de comparar e refletir sobre os acontecimentos. Estes fatores caracterizam o processo reflexivo presente em todos os textos mencionados, construindo o que Bertaux (2010) nomeia de categoria de situação vivida. O sujeito que reflete neste processo é fator inerente a todos que participam deste processo, portanto, é um sujeito coletivo.

Finalizamos mencionando que a ideologia biográfica surgida nos relatos que convergem para a mesma situação vivida por dependentes em clínica de recuperação é a própria coerência estabelecida entre os fatos vividos e reavaliados por cada um dos construtores dos relatos apresentados.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 8 ed. São Paulo:Hucitec, 1997.
- BERTAUX, Daniel. *Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos*. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: 2010.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. 8 ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- _____. *Microfísica do Poder*. 28 ed. São Paulo: Graal, 2010.
- LEFRÈVE, Fernando; LEFRÈVE, Ana Maria Cavalcanti. *O Discurso do Sujeito Coletivo*. Caxias do Sul: Educs, 2005.
- MAIA-VASCONCELOS, S. F. *Clínica do discurso: a arte da escuta*. Fortaleza: Premius, 2005.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes, 1997.
- MARIANI, Bethania. Ideologia e inconsciente na constituição do sujeito. *Gragoatá*, n. 5, 1998.
- MOSCOVICI, Serge. *A Representação Social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- PINEAU, Gaston; LE GRAND, Jean-Louis. *LesHistoires de Vie*. Paris: PressesUniversitaires de France, 2002.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Tomo III, Papirus,1997.
- XAVIER, Roseane. Representação social e ideologia: conceitos intercambiáveis? *Psicologia & Sociedade*, v.14, jul/ dez. 2002.

Data de recebimento: 19/10/2014

Data de aprovação: 26/04/2015